

O PRESIDENTE CAMPOS SALES NA EUROPA

Célio Debes

Todo livro tem sua história. Mas esse **O Presidente Campos Sales na Europa** tem uma história curiosa e interessante.

Em primeiro lugar, teve outro título ao ser publicado pela primeira vez. Chamava-se **O Sr. Campos Sales na Europa**. E trazia, no frontispício, o esclarecimento de que se tratava de ‘notas de um jornalista’. Veio a lume em 1900, editado pela Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro. Na minúscula nota que antecede ao texto, explicava Tobias Monteiro que, ‘para atender aos desejos de alguns amigos, reúno em livro estas cartas que o **Jornal do Comércio** há dois anos publicou’. Ao texto enxuto estampado pelo diário, acrescentou algumas notas elucidativas e adicionou um apêndice, em que reuniu discursos proferidos em honra de Campos Sales, durante a viagem e após o regresso, e suas respostas.

Vinte e oito anos depois, Tobias Monteiro, alterando-lhe o nome, volta a publicar o livro. **O Presidente Campos Sales na Europa** foi editado por F. Briguiet & Cia., também do Rio de Janeiro, ‘com uma introdução e cinco retratos’. Além desses acréscimos, juntou mais algumas notas que atualizavam a correspondência factual tracejada, para a imprensa, três décadas antes.

O que, na verdade, dá realce ao livro — ao novo livro, se fica tentado a dizer — é sua valiosa introdução. Encerra uma síntese histórica dos acontecimentos que cobrem o período que vai da proclamação da República à ascensão de Campos Sales à chefia da Nação. Trata-se menos de um relato do que depoimento sobre os sucessos narrados.

Tobias Monteiro, nascido em Natal (RN), em 1876, após concluir os estudos secundários, desloca-se para o Rio de Janeiro, a fim de estudar medicina. Engajado na campanha republicana, abandona o curso, que não retomaria, no quarto ano, para integrar o gabinete de Rui Barbosa, ministro da Fazenda do Governo Provisório. E, quando no exercício dessas funções, recebeu de Rui, por vezes, o encargo de redigir o artigo principal do **Diário de Notícias**, de que aquele era diretor. Iniciava-se, assim, a sério na carreira que lhe daria renome. Quando o mesmo Rui, apeado do governo, passou a dirigir o **Jornal do Brasil**, Tobias tornou-se o secretário da redação. Algum tempo depois, integrava a redação do **Jornal do Comércio**, o órgão de imprensa mais importante do País.

Seu convívio com Rui Barbosa e suas manifestações políticas em detrimento da situação dominante tornaram-no vítima de perseguições, durante o governo de Floriano Peixoto. Sofreu, em decorrência, prisão e exílio, que curtiu em Buenos Aires. De volta ao Brasil, empenhou-se, na imprensa, na defesa dos governos civis de Prudente de Moraes e Campos Sales.

Quando da eleição deste para a Presidência da República, a situação financeira nacional era verdadeiramente calamitosa, levando o Brasil às raias da suspensão do pagamento dos serviços da dívida externa. Aflito com o estado de coisas, Prudente cogita do envio de um emissário à Europa, ou melhor, a Londres, para negociar a dívida. O escolhido, Rodrigues Alves, viu-se impedido de desempenhar a missão. Campos Sales, já presidente eleito, assume a tarefa. É nesse momento que surge Tobias Monteiro, por indicação de José Carlos Rodrigues, proprietário e diretor do **Jornal do Comércio**, para, como jornalista, cobrir a viagem do político paulista. Para dar mais realce à empresa e facilitar-lhe o trabalho de repórter, Campos Sales adita-lhe o título de secretário. Aí está o segundo aspecto da história desse livro.

Sem um plano preestabelecido, segue o futuro presidente para negociar e obter aquilo que os banqueiros se dispusessem a conceder. No curso da viagem, já na Europa, chega-lhe ao acontecimento proposta dos credores, com vistas à negociação de nossa dívida, inçada de exigências de garantias altamente vexatórias. Visavam às rendas das alfândegas de todo o País, à hipoteca da Estrada de Ferro Central do Brasil, incluindo seus acessórios e sua renda, e, ainda, às rendas do abastecimento de água da Capital da República. O câmbio, para efeito de liquidação da dívida, corresponderia a 12 dinheiros por mil réis. Delas não se poderia fugir, apesar de sua virulência, concretizada, aliás, em nação vizinha que, inadimplente, viu içada, em suas alfândegas, o pavilhão britânico, até que a dívida se quitou! ... À mingua de alternativas, cumpria, pois, abrandar o rigor da proposta. Foi o que logrou Campos Sales, ao cabo das negociações. Em decorrência, as garantias circunscreveram-se, apenas, às rendas da alfândega do Rio de Janeiro e o câmbio se fixou em 18 dinheiros por mil réis. O prazo para o pagamento dos juros se ampliou de dois para três anos e o da amortização da dívida se dilatou por 12 anos. Nestas bases, firmou-se o **funding loan** e obstou-se que o Brasil deixasse de satisfazer uma parcela de seu débito, que venceria dali a dias.

Foi em torno dessa viagem que se ocupou Tobias Monteiro. Sua atividade como escritor não se circunscreeu a esse registro. Coube-lhe, na condição de jornalista, a tarefa de entrevistar figuras eminentes do cenário político nacional, tanto do novo quanto do antigo regime, estampando-as no **Jornal do Comércio**. Empreendeu-se trabalho que se assemelha ao que **O Estado de S. Paulo** realizaria em dias próximos e que se consubstancia nos três volumes de **A História Vivida**. Só que, ao dar-lhe

feição definitiva, transformando-o em livros, preferiu manipular o material recolhido em vez de reproduzi-lo como saíra no jornal. Surgiu, dessa forma, sua importante **Pesquisa e Depoimento para a História** (1913).

Essa fugaz incursão pelo campo da História sofreria largo hiato, mas seria retomada, como verdadeiro lenitivo. Àquela altura, empolgava-o o jornalismo e, na sua militância, inclinou-se pelas questões econômicas. A política de valorização do café e a instituição da Caixa de Amortização encontraram nele tenaz opositor. Suas opiniões despertaram o interesse do Centro Industrial, que o alicia para seu secretário-geral, mediante remuneração altamente vantajosa, desengajando-o do jornalismo profissional. Daí para outros cometimentos que lhe trariam a prosperidade foi um passo. Um banco estrangeiro confia-lhe uma de suas diretorias; outro grupo alienígena contrata-o para seu conselheiro sobre assuntos ligados à sua atividade no País.

Despreocupado dos problemas relativos à subsistência, permite-se a militância política, elegendo-se senador federal pelo Rio Grande do Norte (1921). Desencantado, pouco adiante, com os rumos que o governo dava à coisa pública, convulsionando a Nação, renuncia ao mandato e recolhe-se à sua casa de Petrópolis. Nesse tugúrio, cercado de “antiguidades preciosas”, verdadeiro museu referto de riquezas, no testemunho de Plínio Barreto, reenceta suas lides de historiador, “refugiando-se no passado para fugir às cruzezas do presente”.

E a este mister se dedicou com empenho. Investigou, pesquisou, esquadrinhou os momentos iniciais da formação da nacionalidade. E dessa pertinaz perquirição resultaram três alentados volumes que se subordinaram ao título geral **do História do Império**. O primeiro deles se consagrou com o subtítulo de “A Elaboração da Independência” (1927) e os dois outros com o de “O Primeiro Reinado” (1939-1946). A **História do Império** obedecia a um plano maior, tanto que Tobias Monteiro deixou a parte relativa ao período regencial esboçada, ao falecer (Petrópolis, 1952). Contudo, a contribuição que deu ao conhecimento de nosso passado, consagrou seu nome como historiador.

De seu tempo de lidador da imprensa e como decorrência de suas ligações com Campos Sales — ligações essas que o afastariam de Rui Barbosa, acérrimo crítico da política financeira do presidente, levando-a a atacá-lo, na defesa deste último — surgem as **Cartas sem Título**, originariamente publicadas no **Correio Paulistano**. Escritas e divulgadas de fevereiro de 1900 a junho do ano seguinte, sob o pseudônimo de José

Estevão, e, mantendo o anônimo do autor, forma enfeixadas em volume em 1902. Nessa série, em que analisa os acontecimentos do momento, faz a defesa do Chefe da Nação e de sua orientação econômico-financeira. O penúltimo desses escritos é dedicado à “Execução do Funding” — que seria incluído, como nota a um de seus capítulos, em **O Presidente Campos Sales na Europa**. Ao estudar o cumprimento de acordo com nossos credores, ministra ensinamentos de alta relevância para os dias tumultuados que vivemos no campo econômico.

Esta reedição (Itatiaia/Edusp) — que eliminou o apêndice constante das edições anteriores —, se outros méritos não encerrasse, teria o de retirar do injustificado olvido a que foram relegadas as figuras de Campos Sales e de Tobias Monteiro.

(De *Cultura*, supl. de “O Estado de S. Paulo”, 15-5-1983.)

*